

<http://dx.doi.org/10.14393/HeP-v31n59p8-21>

**ROSAS RUBRAS E SOBERBAS:  
O corpo da mulher luso-brasileira na literatura de viagem  
(séculos XVIII e XIX)**

**RED AND SUPERB ROSES.  
The Luso Brazilian women body on travel literature  
(Eighteenth and Nineteenth Centuries)**

*Amilcar Torrão Filho\**

**Resumo:** O corpo feminino foi um dos grandes mistérios para os viajantes europeus que visitaram o Brasil entre os séculos XVIII e XIX. De um lado a mulher branca não correspondia aos ideais clássicos de beleza e recato; por outro, a beleza parecia estar ao lado das mulheres negras ou mulatas. Este artigo pretende rever algumas das imagens criadas pela literatura de viagem sobre a mulher luso-brasileira, revisitando alguns mitos como a ausência de mulheres nos espaços públicos, o ciúme “oriental” de seus pais e maridos, o desleixo das mulheres brancas e a sensualidade das negras e mulatas.

**Palavras-chave:** Viajantes. Literatura de Viagem. Mulher. Corpo.

**Abstract:** The female body is one of the great mysteries for European travelers who visited Brazil between the Eighteenth and Nineteenth centuries. On one side white woman does not correspond to classical ideals of beauty and modesty, on the other, the beauty seems to be characteristic only of black and mulatto women. This article aims to review some of the images created from the travel accounts on the Luso-Brazilian women, revisiting some myths as the absence of women in public spaces, the “oriental” jealousy of their fathers and husbands, the neglect of white women and sensuality of black and mulattos.

**Keywords:** Travelers. Travel Literature. Woman. Body.

### **Um mundo às avessas**

Nos últimos anos, muitos trabalhos têm se dedicado às questões de gênero na literatura de viagem, seguindo a trilha marcada por autoras como Bénédicte Monicat (1996), Mary Pratt (1999), Sara Mills (2005) ou Miriam Moreira Leite no Brasil (1993). Muitas viajantes têm sido revisitadas, em busca de um olhar feminino sobre a alteridade e os mundos exóticos, como uma visão alternativa, muitas vezes, ao imperialismo e a uma visão de mundo patriarcal, quase sempre onipresentes nas narrativas dos viajantes no século XIX. Ainda que muitas vezes marcadas pela força da ideologia patriarcal, ou aderindo a ela de forma seletiva para justificar suas viagens e suas narrativas, território considerado eminentemente masculino, seus relatos nos abrem a novas perspectivas sobre os mundos

---

\* Professor do Programa de Estudos Pós-graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Líder de grupo de pesquisa CNPq Núcleo de Estudos da Alteridade (NEA). Doutor em História pela Universidade de Campinas e pós-doutor pela Universitat Politècnica de Catalunya e Universitat de Barcelona. Uma versão resumida desse texto foi apresentada na Conférence internationale Femmes dans les Amériques, na Université d'Aix-Marseille, em Aix-en-Provence, no ano de 2013.

visitados, trazendo visões próprias sobre a vida doméstica, a escravidão, a educação ou a colonização, por exemplo. Isso nos permite, também, ampliar o espectro do mundo das viagens, revelando uma mobilidade feminina muito mais frequente do que se costuma pensar, e uma atividade literária, na publicação de suas narrativas, que está longe de ser desprezível. Entretanto, esse artigo pretende fazer uma leitura menos preocupada com a escrita feminina na literatura de viagem do século XIX do que com as imagens conceituais transmitidas por este gênero sobre a mulher luso-brasileira, algumas vezes compartilhadas por algumas destas autoras viajantes.

Ao tratar em outro trabalho (TORRÃO FILHO, 2010) das descrições das cidades luso-brasileiras na literatura de viagem, a presença da mulher como elemento de decodificação da civilização existente no Brasil já chamava a atenção. A existência ou não de mulheres no espaço público, o papel que elas representavam no convívio social, a possibilidade de interação com os estrangeiros, seu grau de instrução, seus hábitos e divertimentos, sua vestimenta, suas relações amorosas, sua religiosidade e, finalmente, sua beleza e o uso que faziam de seus corpos, todos estes elementos eram utilizados pelos viajantes para compor um mapa moral da sociedade.

Sendo assim, utilizei o *corpus* documental dos viajantes franceses e britânicos que tinham visitado nossas cidades na primeira metade do século XIX para buscar em suas descrições a elaboração de imagens conceituais sobre as mulheres luso-brasileiras. A esses autores acrescentei Charles Expilly, que ultrapassava a baliza cronológica daquele trabalho inicial, na medida em que foi o único autor a ter dedicado uma narrativa inteira de viagem apenas à mulher (1863). Um caso excepcional em todo o gênero da literatura viática, que demonstra também que essa série documental, apesar de uma grande homogeneidade narrativa, ideológica, conceitual, não pode ser considerada como um bloco monolítico, já que Expilly elabora toda uma teoria própria a respeito da beleza feminina nos Trópicos que, se de um lado, mantém-se fiel aos padrões clássicos de beleza, por outro, situa o corpo negro neste padrão por meio de uma peculiar teoria geográfica da beleza, com o auxílio dos recursos narrativos da ficção.

Ainda que constitua um ponto fora da curva, Expilly confirma um olhar do viajante que escrutina e observa o corpo feminino, definido como um repositório de sentidos e de representações, como um elemento que fornece harmonia ou desordem à cidade e ao corpo social. A beleza e a harmonia das formas, a adequação entre o belo e a cor adequada da pele, entre a beleza e as normas de convívio e os protocolos, fornecem aos viajantes um elemento de interpretação e de leitura da sociedade luso-brasileira, ao mesmo tempo em que definem um lugar social e estético para a mulher. A cada forma corporal, a cada cor de pele, a cada gesto social, a mulher é construída como ser social, como corpo para reprodução da estrutura familiar e doméstica, corpo do trabalho ou do prazer físico. Portanto, esse corpo e essa personagem, que é a mulher, é um elemento central para compreender-se a leitura que o viajante faz do mundo exótico. Poderíamos dizer que a literatura de viagem tem, quase sempre, a mulher como um problema. Seja como presença marcante, seja como ausência sentida, sua presença ou ausência define os contornos da sociedade que se descreve. E a sua mobilidade ou fixidez define, também, um lugar social da mulher em relação aos homens, realçando a estrutura de poder que permeia essa relação.

As imagens da literatura de viagem sobre a cidade e a sociedade luso-brasileira são sublinhadas por esta ausência tão marcada, a da mulher, praticamente invisível aos olhos dos viajantes, como eles próprios quase sempre se queixam; ausência, sobretudo, da mulher branca, de classe alta, exceção feita às negras de corpos bem formados e mulatas de olhares lânguidos.<sup>1</sup> Muitas das representações da condição feminina, do cotidiano e da sociedade brasileira foram elaboradas no interior do gênero de viagens, sobretudo a da

---

<sup>1</sup> Este artigo trata das imagens de mulheres nas descrições de viajantes que estiveram nas cidades luso-brasileiras. Portanto, não aparecem aqui descrições de mulher indígena, que quase nunca é descrita nas narrativas em cidades. Por mulher luso-brasileira entendo as mulheres brancas, mestiças e negras que viviam nos espaços luso-brasileiros.

reclusão da mulher, a brandura do trabalho escravo, a condição civilizadora da escravidão, a hospitalidade e a indolência do brasileiro, por exemplo (LEITE, 1993, p. 31; 1997, p. 22). O mito da mulher enclausurada já foi bastante questionado pela historiografia; Moreira Leite demonstrou a contradição destas imagens, de autores que declaravam “não encontrar mulheres nas ruas, embora logo adiante as descrevessem em lojas, vendas, praças e chafarizes” (LEITE, 1997, p. 58).

Uma situação que se repete nos relatos de viagem escritos por mulheres, das quais se poderia esperar uma maior identificação com as mulheres locais, mas que reproduzem muitas vezes os lugares comuns e os padrões do patriarcado, informando-nos muito mais, como recorda Miriam Moreira Leite, “sobre a condição feminina da viajante” (1993, p. 24) do que propriamente das mulheres que são descritas. Essas autoras, muitas vezes, utilizam os discursos do patriarcado, como observa Stella Franco, “pretendendo às vezes, inclusive subvertê-los”, num discurso cheio de contradições e paradoxos (FRANCO, 2008, p. 163). Essa incorporação de representações de submissão da mulher no discurso das viajantes serve para justificar seu discurso e para afastar as suspeitas, muitas vezes reais, de que essas mulheres se ocupavam de temas e atividades, como a viagem, a política e a crítica social, que não correspondiam às limitações de seu sexo.

A identificação das sociedades ibéricas com os mouros, uma orientalização do mundo ibérico, fez com que se buscassem na sociedade portuguesa do Brasil os elementos de um despotismo asiático, do qual a reclusão feminina, mulheres indolentes sentadas em tapetes, e o ciúme doentio e criminoso dos homens faziam parte integrante (QUINTANEIRO, 1996, p. 37-38). Esta orientalização do espaço americano significava também, nesse contexto, a identificação do mundo luso-brasileiro a uma civilização inferior, bárbara e anacrônica, que define um caminho interpretativo do Brasil, seja da administração colonial portuguesa, seja da monarquia independente a partir de 1822. Para Quintaneiro, os viajantes, ao tratarem do Brasil e da condição feminina, “situavam-se a si mesmos, expressando, reafirmando ou colocando em questão sua própria cultura”, o que podia fazer com que mal interpretassem as mensagens que recebiam “atribuindo-lhes outros sentidos” (QUINTANEIRO, 1996, p. 23-24). Este mundo lusitano na América funciona como uma fronteira móvel e porosa entre o Ocidente e o Oriente, primitivismo e civilização, tradição e modernidade, assim como a Espanha vai funcionar para os viajantes românticos franceses (THOMPSON, 2012, p. 163).

Apesar de presentes nas descrições que fazem do Brasil, as mulheres aparecem quase sempre como vultos, fantasmagorias, quimeras, que em tudo se afastam de um conceito de feminino que era especialmente excludente, um padrão difícil de ser seguido até mesmo nos círculos mais polidos da Europa. Saint-Hilaire, por exemplo, se queixa, ao visitar Itu, de que não podia entender por que o ouvidor da cidade, Rafael Tobias de Aguiar, que era seu conhecido, não o convida para jantar quando de sua visita à cidade. Ele afirma que, como Aguiar tinha o costume de comer com sua mãe e irmãs e “como essas senhoras não desejavam se mostrar aos estranhos, ele não podia receber-me”, lamenta-se sentido e espantado (SAINT-HILAIRE, 1851, v. 1, p. 380). Saint-Hilaire assume que a ausência de convite para a casa do ouvidor se deve à impossibilidade de coexistência entre homens desconhecidos e mulheres; assim, o lugar da mulher na sociedade luso-brasileira é a chave explicativa para a ausência de uma civilidade e de uma brandura dos costumes, tal como crê o autor ser a norma na Europa.

Aparentemente invisíveis aos homens que não eram familiares, mesmo os que eram conhecidos das famílias, essas mulheres aparecem ausentes ao mesmo tempo pelo encerramento no qual os ignorantes homens luso-brasileiros as deixavam, mas, também, pela incapacidade social dessas mulheres, como as parentas do ouvidor Aguiar, que não desejavam mostrar-se aos estranhos por medo ou timidez, revelando ausência de traquejo social. Temos, assim, um misto de opressão e acanhamento que pesam sobre essas damas encobertas, tornando-as inacessíveis.

Por outro lado, não é difícil encontrar nesse mesmo autor exemplos de sociabilidade nos quais as mulheres participam e se deixam ver, contradizendo seu discurso inicial. Em

sua viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais, na visita que faz à fazenda do capitão mor de Itanguá, Antônio Gomes de Oliveira Meireles, é convidado para o casamento de uma das filhas do capitão, no qual se sentam à mesa quinze ou dezesseis mulheres, quase todas muito jovens. Aqui o espanto maior não é encontrar mulheres à vista de estranhos, mas que todas elas sejam brancas, algumas louras; fato extraordinário que se encontrem tantas mulheres “de nossa raça sem nenhuma mistura de sangue africano”, afirma. Apesar de visíveis, a essas mulheres o autor ressalta que não se deve lhes dar a mão ao cumprimentar, uso totalmente desconhecido nas Minas e provavelmente em todo o Brasil, acrescenta. À mesa, não custa recordar que homens e mulheres se sentam em lados opostos, pois já era muito “que essas últimas se mostrassem assim livremente” (SAINT-HILAIRE, 1830, v. 2, p. 16-17).

Marson, ao tratar das imagens da condição feminina em Henry Koster, busca na teoria que o autor elabora sobre a sociedade brasileira a chave para a compreensão de suas descrições sobre as mulheres. Nesta abordagem, a teoria não está desligada da narrativa e da descrição, mas é parte constitutiva da elaboração da experiência concreta do viajante no país. Na prática da escravidão, o autor identifica os traços definidores de uma sociedade anacrônica e feudal. “Suas características essenciais eram o despotismo dos proprietários de terras e escravos; a reclusão, a violência, a ignorância e a ociosidade” (MARSON, 1995, p. 225). O despotismo, a reclusão e a ignorância são, assim, os traços definidores da sociedade brasileira, que definem também a condição da mulher nessa sociedade. A autora demonstra como Koster seleciona os exemplos localizados de mulheres confinadas por maridos ciumentos, ignorando experiências contrárias com as quais se defrontou, para corroborar a sua tese inicial, privilegiando outras necessárias “à construção de um determinado conceito de feudalismo, de sociedade ‘semi-civilizada e feudal’, e à crítica do tráfico de escravos, da escravidão e do sistema colonial” (MARSON, 1995, p. 231). Assim, Koster “argumentou a partir de situações idealizadas, que não poderiam dar inteligibilidade ao intrincado jogo de comportamentos com o qual se defrontou” (MARSON, 1996, p. 105).

Ideias feitas, lugares-comuns, estereótipos, uma “teoria social” que situa o Brasil, seus habitantes e suas mulheres num campo cultural aquém da civilização europeia, no qual a condição feminina será, dessa forma, claramente interpretada nos campos da total exclusão, da ignorância, da sensualidade luxuriosa, dos corpos disformes pela ação deletéria dos Trópicos e dos maus costumes. Tanto Koster como Saint-Hilaire, e demais viajantes como veremos adiante, selecionam suas experiências para que confirmem as teorias prévias, na qual a condição da mulher é central para demonstrar o estágio ainda arcaizante de nossa civilização, sobretudo se comparado à condição da mulher em seus países de origem. Condição que obviamente não inclui direitos políticos ou participação ativa na vida pública e econômica, negados tanto aqui quanto lá, o que faz com que Mme de Staël e Flora Tristan definam a mulher como uma pária.<sup>2</sup> Era a sua inserção num ideal de feminilidade e afabilidade que a condicionava a um papel decorativo, pedagógico, de rainha do lar, cuja função era distrair os homens de suas atribulações no repouso das atividades sociais, além de serem objetos de afeição amorosa e/ou erótica, dependendo de sua condição social e cor da pele.

Uma vez mais Saint-Hilaire será lapidar ao definir o papel feminino na construção da urbanidade polida e delicada. Em Vila Rica afirma que as mulheres se mostram tão pouco como em todo o resto da Província, logo, “não pode haver nesta cidade nenhuma sociedade. O jogo, os prazeres grosseiros, as pequenas intrigas, são o único lazer dos habitantes”. No entanto, estão mesmo invisíveis essas mulheres? Diz-nos o naturalista francês, ao ser convidado para um baile dado pelo governador D. Manuel de Castro e Portugal, que, se a toalete das senhoras podia oferecer matéria de crítica a um francês

<sup>2</sup> Para uma visão menos idealizada da condição social da mulher europeia neste período, assim como uma visão menos negativa da mulher sul-americana, no âmbito da literatura de viagem, remeto à narrativa de Flora Tristan, *Pérégrinations d'une paria*, publicado em 1837 (2004). Sobre esta autora, cf. Le Huenen (2012), Brahim (2012) e Torráo Filho (2018).

recém-chegado de Paris, era surpreendente que num local tão distante da costa não se encontrasse uma diferença maior entre as suas maneiras e as das europeias: elas dançavam e cantavam bastante agradavelmente; mas, para “pagar tributo aos modos do país, se fez dançar uma mulata uma espécie de fandango”, à vista dessas mulheres as quais se mantinham afastadas de homens estranhos, mas que foram espectadoras desta dança “extremamente livre sem que ninguém sonhasse espantar-se o mínimo que fosse” (SAINT-HILAIRE, 1830, v. 1, p. 151-152). Se a libertinagem da mulata não chega a ser surpreendente numa mulher de sua condição, o que choca é a convivência de mulheres brancas e de condição superior num mesmo espaço público de sociabilidade. As mulheres que esses viajantes encontram no Brasil, ou as que creem que não encontram, não corresponderão a nenhuma dessas idealizações, como prova a mulata dançarina e libertina do baile do governador e suas indiferentes espectadoras.

### Indecente desmazelo

Os elementos que para os viajantes constituem uma “identidade feminina”, no Brasil, são vistos, por eles, como estando deslocados. Nas ruas, nos espaços públicos, no *trottoir*, não se veem mulheres brancas de boa condição, apenas as negras e mulatas; nas casas particulares, raramente os viajantes são introduzidos às mulheres, que não participam, assim, da suavização dos costumes por meio da conversação polida, sendo o mais das vezes entrevistadas por entre portas e rótulas, espiando os viajantes, assustadas e medrosas; e as formas harmoniosas dos corpos do “belo sexo” estão deslocadas, das brancas, que deveriam ser belas e são gordas e desgrenhadas, para as negras e mulatas, que são belas, mas ao mesmo tempo desejáveis e repugnantes, por sua cor e baixa condição. Temos um exemplo de como as mulheres brancas do Brasil estão afastadas do ideal de beleza e delicadeza atribuído ao “belo sexo” em Maria Graham, que, ao visitar em Salvador algumas famílias portuguesas com uma compatriota inglesa, se choca com a visão de senhoras que dificilmente se poderia identificar como pessoas de sociedade:

Como elas não usam nem coletes nem espartilhos, seu corpo torna-se quase indecentemente desmazelado, logo após a primeira juventude; e isso é tanto mais repugnante quanto elas se vestem de modo muito ligeiro, não usam lenços no pescoço e raramente algum vestido com mangas. Depois, nesse clima quente, é desagradável ver algodões escuros e estofos sem nenhuma roupa branca sobre a pele. O cabelo negro, mal penteado e desgrenhado, ou amarrado inconvenientemente, ou ainda pior, *en papillote*, e a pessoa com a aparência de mal banhada. (GRAHAM, 1824, p. 135-136).

Vemos que não se trata apenas de uma projeção masculina sobre as mulheres brasileiras, mas de uma visão de mundo e crenças compartilhadas por homens e mulheres que pertencem a um mesmo universo cultural marcado pelas distinções e hierarquias entre os sexos.

Para James Tuckey, as mulheres do Brasil padeciam de um mal que acometia muitos outros pontos da “zona tórrida”: a inexistência de um espaço entre “os períodos de perfeição e declínio” da beleza das mulheres. A “força ardente do sol” provoca, assim como com às plantas, um amadurecimento precoce, e “depois de uma breve florescência decai e define: aos catorze tornam-se mães, aos dezesseis as flores de sua beleza estão totalmente desabrochadas, e aos vinte estão fenecidas como uma rosa murcha no outono” (TUCKEY, 1805, p. 67-68). O clima da “zona tórrida” era o responsável, para Tuckey, pelo declínio da beleza destas “filhas do sol”, e, por consequência, dos costumes: pois vivendo cedo com sua esposa transformada numa “matrona repugnante [*disgusting mummy*], inútil à sociedade”, ele experimentava a “irritação de paixões insatisfeitas”, que seriam saciadas por “meios clandestinos”. Esta seria a causa também de que, no Brasil, o “intercurso licencioso entre os sexos” deveria igualar ao que se observava no período mais degenerado do

Império Romano; esta necessidade lúbrica causada pelo clima seria responsável pelo medo de perder o objeto que lhe despertava paixões, e assim produzia “o ciúme constitucional dos homens de clima quente”, sujeitando as suas mulheres a todo tipo de repressão imposta por sua “inflamada paixão” (TUCKEY, 1805, p. 68-69). Estas paixões exasperadas eram provocadas pela ação deletéria do clima, uma vez que não havia nenhuma beleza nestas mulheres que justificasse tamanho zelo na guarda destas “matronas repugnantes”. Na América portuguesa, mesmo as paixões estavam fora de lugar, não havia correspondência entre o corpo desagradável que era objeto de afeição dos homens e o conteúdo desse desejo e cuidado excessivos; ou seja, a paixão e o amor estavam desvinculados do belo, estavam fora do lugar.

Outro testemunho, do britânico Thomas O’Neil, que escoltou a família real portuguesa em sua transferência para o Brasil em 1808, louva a beleza física das luso-brasileiras, pequenas e morenas, com “uma timidez que convida ao amor”, apesar de suas vestimentas fora de moda, não deixa de ressaltar com pesar que, infelizmente, elas não possuíam “mentes igualmente cultivadas”, isso apesar das “vantagens que a natureza tão abundantemente lhes concedeu”. Elas seriam o resultado remanescente de um ciúme italiano “ainda pairando sobre as mentes dos homens”, que as excluiu do exercício dos privilégios que as suas compatriotas possuíam e, por isso, elas eram, ao contrário das luso-brasileiras, “a glória, orgulho e ornamento da Terra” (O’NEIL, 1810, p. 64-65). Desconhecemos quais privilégios compartilhavam suas compatriotas, mas deveriam dizer respeito às formas mais delicadas da feminilidade, a docilidade dos costumes, a conversa agradável e ligeira que viajantes em geral afirmavam não encontrar entre as brasileiras e as portuguesas.

Diversos “vícios” culturais se cruzam nessas narrativas que compõem as imagens conceituais da mulher luso-brasileira. Para o francês Du Petit Thouars, que passa pelo Rio de Janeiro durante sua viagem de volta ao mundo em 1836, a mistura de raças é uma das características mais notáveis da cidade e seria a causa dos “costumes primitivos” de seus habitantes, causados pela licenciosidade dos primeiros colonos que se misturaram a indígenas e africanos, um cruzamento de raças que “não parece ter sido favorável às espécies aqui” (DU PETIT THOUARS, 1840, p. 59). Evidentemente este vício de origem teve sua influência nas mulheres brasileiras, visível no hábito de não se vestirem pela manhã e estarem quase sempre deitadas ou sentadas, à turca, sobre tapetes, o que faz com elas tenham “a tristeza de ver seu tamanho se deformar muito cedo e o excesso de peso chegar com seu passo largo e pesado” (DU PETIT THOUARS, 1840, p. 59). Elas não têm mais nenhuma graça, nem mesmo são capazes de andar direito por causa desta vida indolente e reclusa, causada pela ignorância ciumenta e mediterrânea (ora turca, ora italiana, ora de clima quente) de seus maridos, pais e parentes próximos, origem portuguesa que incutia no Brasil seus mesmos vícios e sua mesma civilização atrasada e primitiva.

### **Rosas rubras e soberbas**

As mulheres luso-brasileiras são descritas ora como inatingíveis, ora como lúbricas, ora como as duas coisas. Imagem célebre será a descrição constante da narrativa das viagens de James Cook, de 1768, de que no Rio de Janeiro elas jogavam flores aos seus admiradores, ou aos homens que lhes interessassem, jamais vista por nenhum dos viajantes que lhe seguiram, mas glosada por inúmeros. O capitão Cook afirma que era “universalmente conhecido que as mulheres dos estabelecimentos espanhóis e portugueses da América do Sul opunham menos resistência a conceder seus favores do que as de outros países civilizados do mundo”. Para ele, era possível que não houvesse nenhuma mulher “modesta” entre elas; esta avaliação tão negativa era justificada pelo que o Dr. Solander, de sua tripulação, havia visto no Rio de Janeiro e lhe contado, que assim que anoitecia, uma ou mais destas mulheres apareciam em cada janela, e “distinguiam aqueles de quem gostavam, entre os homens que caminhavam na rua, jogando-lhe ramalhetes de flores”; e que dois dos homens que o acompanhavam receberam tantas flores que jogaram

fora uma enorme quantidade delas (COOK, 1862, p. 15-16).<sup>3</sup> John White, cirurgião da esquadra do primeiro governador de Nova Gales do Sul, Arthur Phillip, também reproduz, em 1787, a descrição de Cook, afirmando que, sabendo desta informação, “considerou toda mulher como um natural objeto de galanteria”; no entanto, um mês de estadia no Rio convenceu-o de que esta característica só deveria ser imputada às mulheres de classe baixa; já as de alta classe não eram merecedoras desta “acusação tanto quanto as mulheres de qualquer outro país” (WHITE, 1790, p. 52-53).

A imputação às mulheres de classe baixa é feita pela teoria e pela autoridade do testemunho do capitão Cook (ainda que seja um testemunho de segunda mão), uma vez que White não observou as tais flores sendo jogadas a ninguém. Watkin Tench, da mesma esquadra do governador Phillip, por sua vez, faz justiça às mulheres do Rio em uma descrição eivada de ironia, afirmando que, apesar da descrição do Dr. Solander, ele e seus companheiros foram tão “deploravelmente desafortunados” que caminhavam cada manhã “debaixo de suas janelas e balcões, sem terem sido honrados com um único buquê, embora ninfas e flores fossem igualmente abundantes” (TENCH, 1789, p. 22-24). Em sua visita ao país em 1806, George Keith ainda reproduz nos mesmos termos a descrição de Cook, de forma resumida, que seria ocioso reproduzir aqui (KEITH, 1810, p. 22-23). Esta imagem chega até 1825, quando Gilbert Mathison afirma que, durante as procissões, as mulheres aproveitavam a ocasião para mostrar-se em público, o que seus “rudes pais e ciumentos maridos” concediam nessa ocasião, seja satisfazendo sua vaidade com um cortejo de escravas, “que as seguiam pelas ruas”, seja observando a multidão de suas janelas, de onde “jogavam flores aos seus admiradores” (MATHISON, 1825, p. 11-12).

Ainda no século XVIII, o deportado escocês James Semple Lisle nota e ressalta essa lubricidade das mulheres do Brasil, que não eram, de modo algum, “modelos de castidade”, fazendo que as cortesãs da cidade do Rio de Janeiro fossem “notavelmente extravagantes nos preços que demandavam pelos seus favores”. Sua teoria para esses hábitos estranhos e degenerados não deixa de ser ela própria extravagante e pitoresca: o frequente e incessante uso de banhos de água morna, levando às mais diversas doenças, físicas, mas, podemos supor, também morais (LISLE, 1799, p. 278). Temos aqui esta imagem contraditória de reclusão e imodéstia que caracteriza a mulher luso-brasileira, resultante de uma orientalização do espaço feminino na América, que Gisela Pagès identifica também nas descrições das limenhas no Peru, exemplos para os viajantes de libertinagem e erotismo (PAGÈS 2011, p. 264). Esta orientalização aparece mesmo na leitura mais positiva que Flora Tristan faz da limenha, para quem suas vestes, a *saya y manto* que lhe cobriam o rosto, seriam símbolos de sua liberdade por permitirem que andassem incógnitas pela cidade. Interpretação que Mary Pratt afirma ecoar a descrição de Lady Montagu das mulheres turcas e a liberdade de movimentos que o véu lhes permitia (PRATT, 1999, p. 287-288). Isso indica a dificuldade do gênero das viagens em decodificar os vínculos pessoais e familiares e as relações entre espaços públicos e privados na América.

A falta de castidade das mulheres não era, para o francês Barral, causada pelo luxo ou pelas seduções “de nossa Europa”, pois eles simplesmente não existiam no Brasil. A civilização, que entre os europeus “esclarece cada membro da sociedade sobre as vantagens da castidade das mulheres e da inocência das jovens, não aclara em nada aqui aos casais sobre seus verdadeiros interesses”. Assim, homens casados usam de sua autoridade para ter dois fogos, ou mesmo para “introduzir uma concubina na casa comum aos dois esposos” (BARRAL, 1833, p. 338-339). E a suposta ausência de mulheres pelas ruas é um índice mais da “barbárie dos portugueses”, cujo ciúme doentio mantinha suas mulheres afastadas dos olhares alheios, assim como fazia com suas colônias. Arsène Isabelle identifica as rótulas, inexistentes na mais civilizada Porto Alegre e seu clima civilizado e sadio, mas presentes na capital até havia pouco tempo, como exemplo desta

<sup>3</sup> Durante muito tempo, o relato de Cook sobre o Rio de Janeiro será reproduzido, com ou sem citação, pela maioria dos viajantes. Sobretudo no que diz respeito ao fanatismo papista do Brasil, a moral de suas mulheres, o zelo ciumento dos portugueses com relação à sua colônia, e o hábito de os estrangeiros serem seguidos por um oficial em terra.

barbárie e do confinamento das mulheres, que impedia um convívio civilizado nas ruas da cidade. “Você está sozinho nesta rua”, diz ele, “pois você não pode decentemente, apesar de sua filantropia, crer-se em sociedade com os bodes, as cabras e os negros [negras também?] embrutecidos que o cercam; você se crê, então, só”. O viajante tem de conviver ainda com as rótulas se entreabrindo e fechando-se à sua passagem, como se ele fosse um mensageiro do cólera. Tudo isso pelo hábito dos portugueses de confinar suas mulheres em “espécies de *haréns* que as deixam tão ignorantes que a visão de um estrangeiro é para elas uma sombra chinesa, uma fantasmagoria”. Esta era a “realidade do Rio antes de D. Pedro”, mas ainda presente nas pequenas cidades (ISABELLE, 1835, p. 265-266).

Entre um povo tão corrompido, as paixões desenfreadas causam a concupiscência, o despotismo masculino e a desagregação dos lares, uma vez que, sem poder resistir aos próprios desejos, com esposas que, muito cedo, perdiam a beleza e a juventude, os homens não podiam manter uma única família durante sua vida. Para Debret, a mulher negra possui um “extraordinário ardor dos sentidos” e, embora seja casta dentro do casamento, “não resiste ao desejo de conquistar o amor de seu senhor por meio de uma expressão graciosa de suas tocantes afeições, que ela oculta com cuidado sob a aparência de humildade” (DEBRET, 1834-1839, v. 3, p. 149). Algo parecido encontraremos no relato do anônimo britânico A.P.D.G., que deve ter estado no Rio de Janeiro entre 1809 e 1817; no entanto, ele inverte a construção discursiva do ciúme masculino, identificando esse traço de caráter à mulher negra. “A mulher de cor do Rio de Janeiro era conhecida”, diz ele, por seu temperamento ciumento e vingativo, para a qual “apenas a morte era capaz de saciar a sua sede de vingança pela infidelidade daquele com quem coabita” (A.P.D.G., 1826, p. 303-304). É verdade que esse caráter assassino era comum tanto a homens como a mulheres negros, mas no caso feminino essa natureza mortal está ligada à própria lubricidade da africana que tornava seus amores descabidos e excessivos. O ciúme a vitima não porque esteja clausurada numa espécie de serralho tropical, mas porque desborda a sua natureza sensual, corrompe o sentimento amoroso, invertendo os direitos de posse e controle que marcam um casal tradicional, no qual cabe ao homem este sentimento de posse que legitima a vingança em nome da honra manchada por um eventual adultério e que nunca deveria ser permitido à mulher, ainda mais de baixa condição.

### **A dona ausente**

Debret se impressiona, em dois meses de andanças pela cidade, com a ausência de senhoras nas ruas do Rio de Janeiro; em seu lugar, não vê mais do que “uma multidão contínua de negros carregadores e de negras vendedoras de frutas”. Não é de mulheres que sente falta, pois as negras vendedoras estavam lá, mas de “senhoras”, mulheres brancas, de boa origem. Apenas num dia de festa elas se deram a ver ao viajante, nas igrejas, “vestidas de um modo estranhamente rebuscado, com as cores mais alegres e brilhantes, porém obedecendo a uma moda anglo-portuguesa muito pouco graciosa, importada pela Corte de Lisboa”, situação que só mudaria, em favor da moda francesa, no momento de sua partida, em 1831 (DEBRET, 1834-1839, v. 2, p. 31). No entanto, estas mulheres ainda moviam-se e vestiam-se inadequadamente, e era o que explicava, para Debret, a existência de tantos sapateiros numa cidade onde tantos andavam descalços; a causa deste fato, diz o francês, é o hábito das brasileiras de usarem exclusivamente “sapatos de seda para andar com qualquer tempo por cima de calçadas de pedras que esgarçam em poucos instantes o tecido delicado do calçado”, não podendo sair dois dias seguidos sem ter que renová-los (DEBRET, 1834-1839, v. 2, p. 91). Estranha situação, uma vez que segundo Debret mulheres brancas, em condições de poder comprar sapatos de seda a cada dois dias, não saíam à rua nunca, o que deveria fazer com que o mercado de sapatos não fosse tão desenvolvido assim. Esta inadequação, enfim, era encontrável em todas as classes de mulheres, ao menos entre as brancas, já que as negras e mulatas são praticamente ignoradas por Debret em sua narrativa, embora estejam por toda a parte em suas imagens do cotidiano das ruas do Rio de Janeiro. Em seu peculiar estilo irônico, o

pintor francês louva a “elegância”, entre as damas da corte de D. João VI, da baronesa de Rio Seco, que mais se destacava na igreja ou no teatro, “resplandecente de diamantes”. Entretanto, diz ele, “seu porte por demais avantajado permitia que algumas jovens senhoras menos sobrecarregadas de pedras preciosas brilhassem junto dela pelos modos graciosos”, o que na maior parte das vezes era resultado de uma “educação europeia” (DEBRET, 1834-1839, v. 3, p. 199).

Os corpos que se movem por estas cidades são deslocados, impróprios, inconvenientes e indecorosos, ferem a visão e a sensibilidade dos europeus, como se fossem obrigados a andar pelos subúrbios infectos de Londres e Paris mesmo quando estavam entre os palácios e ruas elegantes da Corte. Suas ações, seus gestos, seus sons, estão em desacordo com o que sua teoria indicava como sendo adequados à vida em cidade. Estas figuras exóticas, a *mulher*, o *ocioso*, o *negro*, a *negra*, o *escravo*, a *escrava*, o *senhor*, são categorias, formando um “conjunto de traços narrativos [...] nos quais os elementos dominantes evoluem muito pouco” (MOURA, 1992, p. 103-104). A paisagem destas cidades nas quais se moviam essas personagens estava igualmente deslocada, imperfeita, deserto de homens e ideias, espaços da abominação, paraísos infernais, lugar que o viajante acreditava estar à espera da semente da civilização, “a ser lançada por ele nessa terra que crê paradisíaca, ou, infernalmente, em branco” (SÜSSEKIND, 1990, p. 13).

### **Bárbara beleza**

Um único viajante dedicou todo um relato especificamente às mulheres do Brasil, no ano de 1863, Charles Expilly, em seu *Les femmes et les mœurs du Brésil*. O autor é um desditado professor francês que acabou sendo fabricante de fósforos no Rio de Janeiro e publicou outros relatos de viagem sobre o Brasil e sobre o tráfico de escravos. O relato está dedicado à sua pequena filha Marthe, nascida no Brasil e que foi amamentada por uma ama de leite negra e escrava. Inicia assim o seu livro como um libelo antiescravista a sua filha, para que esta não se esqueça da condição servil da mulher que lhe havia cuidado em seus primeiros anos. Sobre os costumes brasileiros e suas mulheres, não se diferenciará muito do que outros viajantes já haviam dito antes. Inicialmente, ele tratará das *moças*, as jovens brancas criadas sob o sol abrasador dos Trópicos, da ignorância tão arraigada entre os descendentes dos portugueses, e as lições perniciosas da escravidão que “corrompem todo seu ser moral”. Essa “educação sentimental” faz com que elas não tenham mais do que “desejos vagos” e uma imaginação que “flutua sobre o azul do céu longe da realidade da vida”. Elas apreciam muito, diz o autor, “as rosas rubras e soberbas para satisfazer-se com o tom pálido e ingênuo do sentimento”. Uma vez mais as rosas rubras funcionam como metáfora das paixões abrasadoras das mulheres dos Trópicos, incapazes de contê-las em um sentimento puro e civilizado como o amor romântico. Não espanta, assim, que a padroeira do país seja Nossa Senhora da Conceição, para uma sociedade tão preocupada com o preceito divino *Crescite et multiplicamini* que outorga os mesmos direitos aos filhos bastardos que aos legítimos (EXPILLY, 1863, p. 32-33).

A partir do segundo capítulo, Expilly tratará do encontro, de forte caráter fictício, com o antigo amigo Justin Fruchot, infeliz músico de talento transformado em mercador, também emigrado ao Brasil com muitas ilusões perdidas, alquebrado pela desilusão e pelas dívidas. A sorte de Fruchot começa a mudar quando encontra a sua “Duquesa bronzeada”, filha do sol ardente, a beleza mais severa e grandiosa jamais vista, diz Fruchot a seu amigo (EXPILLY, 1863, p. 58). Aqui Expilly utiliza o encontro com Fruchot e com sua amante negra Manoela para criticar os preconceitos que impediam identificar a pele negra com a beleza mais casta, aquela que não se podia observar entre as mulheres brancas do Brasil. Para tanto, cita o verso das *Endechas a Bárbara escrava*, de Luís de Camões, um canto que celebra a beleza da escrava Bárbara, cujo nome lhe define a origem, musa negra do Homero português, cantados por Fruchot para convencer ao amigo da beleza de sua dama

de ébano: “Pretos os cabelos,/ Onde o povo vão/ Perde opinião/ Que os louros são belos.” (EXPILLY, 1863, p. 59).<sup>4</sup>

A Bárbara Camoniana serve a Expilly para provar sua tese de que a beleza e a nobreza do amor da mulher negra são superiores ao preconceito que a sociedade brasileira tem em relação à cor negra. Pois, para o autor, apenas os brasileiros são escravistas e desprezam aos negros. Para isso, utiliza o momento no qual conhece a Manoela, em um navio em direção à Bahia, fugindo da febre no Rio, onde alguns passageiros brasileiros se indignam com a presença de uma negra escrava, ainda que Manoela seja liberta. Ao ver sua beleza, pois é apenas nesse momento, já em meio à viagem, que o autor encontra a Dama de Ébano, Expilly afirma ter encontrado a Bárbara das Endechas; Fruchot lhe diz que sabia que seu amigo aceitaria a sua amante porque ele seria capaz de reconhecer a beleza que não tem cor: ela “está aonde existe, a despeito da cor”, ao contrário do que pensam os portugueses, querendo dizer os luso-brasileiros (EXPILLY, 1863, p. 90). Manoela se impõe aos brasileiros brancos do navio pela força de seus braços de ex-escrava, e a Expilly pela força de sua beleza, pela nobreza de sentimentos e pelo seu amor por Fruchot (EXPILLY, 1863, p. 114).

Aqui temos o momento no qual Expilly define o seu ideal de beleza feminina na América: não é a branca, que no “quadro esplêndido do sol ardente” dos Trópicos perde as vantagens das quais desfruta na Europa, já que sua “beleza delicada se desvanece em ondas de luz”, se torna mesquinha, pequena, miserável, angustiada, o sol tropical provocando suas devastações na pele delicada da mulher branca, como já havia notado James Tuckey. Tampouco é a mulata, que deve seus êxitos a uma afetação atrevida, “cujo rosto terroso absorve, sem iluminar-se, a luz celeste; por mais esmerada que seja a sua *toilette* e seus cuidados, a mulata fere a vista ‘pela aparência de um asseio duvidoso’”. Por maiores que sejam as “seduções de seu sorriso, pensamos, ainda que sem querer, na lama diluída”; e a lama aqui significa uma imagem tanto da falta de asseio quanto de uma moral duvidosa. A beleza pura está com as “filhas de África”, pela “cor pura de sua pele”, de um negro absoluto, como costumam ser as mulheres Mina, que recorda o mármore negro de Portor, com veias de fogo. Sua beleza está ainda na amplitude de seu torso e no seio abundante que atestam “um modelo perfeito, uma força vital harmoniosa como a exuberante vegetação do equador, que faz sonhar com o amor insaciável dos mortais”. Os franceses emigrados ao Brasil, assim como o rei Salomão diante da rainha de Sabá, se sacrificam ao amor africano (EXPILLY, 1863, p. 113-114).

Expilly não está totalmente desprovido de preconceitos: para ele, a beleza decaída da branca nas colônias, ou da mulata racialmente mesclada e moralmente decadente, não se compara à beleza “pura” da negra africana. Tampouco crê que a africana possa ser modelo de beleza na civilizada Europa, ela é a que se adapta melhor à sociedade dos Trópicos, à paisagem equatorial, aos costumes próprios da América, despertando paixões menos destrutivas que as hetairas europeias. Mas na Europa, essas filhas do sol perdem sua coroa de luz, estão tão deslocadas no Velho Mundo como as brancas nos Trópicos (EXPILLY, 1863, p. 131-132). Temos uma variante da determinação geográfica dos costumes e das leis que em Expilly se transforma numa determinação geográfica da beleza feminina: a cada latitude corresponde um corpo adequado ao amor e à admiração. Seguindo essa teoria, na América a negra reina sozinha, sem concorrência. Por isso ele recorda um conhecido provérbio português sobre as paixões dos brancos pelas negras: “aquele que

<sup>4</sup> Endechas. A Bárbara escrava: Aquela cativa/ Que me tem cativo,/ Porque nela vivo/ Já não quer que viva./ Eu nunca vi rosa/ Em suaves molhos,/ Que pera meus olhos/ Fosse mais fermosa./ Nem no campo flores,/ Nem no céu estrelas/ Me parecem belas/ Como os meus amores./ Rosto singular,/ Olhos sossegados,/ Pretos e cansados,/ Mas não de matar./ Uma graça viva,/ Que neles lhe mora,/ Pera ser senhora/De quem é cativa./ Pretos os cabelos,/ Onde o povo vão/ Perde opinião/ Que os louros são belos./ Pretidão de Amor,/ Tão doce a figura,/ Que a neve lhe jura/ Que trocara a cor./ Leda mansidão,/ Que o siso acompanha;/ Bem parece estranha,/ Mas bárbara não./ Presença serena/ Que a tormenta amansa;/ Nela, enfim, descansa/ Toda a minha pena./ Esta é a cativa/ Que me tem cativo;/ E, pois nela vivo,/ É força que viva. (CAMÕES, 1843, t. 3, p. 127).

sentiu duas vezes o perfume acre, mas embriagador, da *catinga* da negra, aborrecerá o odor que exala a pele da mulher branca” (EXPILLY, 1863, p. 124). A diferença é que o homem tropical, o português do Brasil, vê na negra apenas um objeto de prazer físico, enquanto o francês sábio, sem preconceitos, encontra nessa *catinga* o perfume do amor verdadeiro, uma experiência estética marcada pelas formas e pelo odor característico do corpo negro (EXPILLY, 1863, p. 130). O homem dos Trópicos, sobretudo se é brasileiro ou português, não está preocupado, segundo o autor, “em buscar uma alma no instrumento de seus prazeres” (EXPILLY, 1863, p. 374).

No entanto, como toda heroína trágica, Manoela não tem um final feliz: como a *Iracema* de José de Alencar (1865), o anagrama de América no nome da personagem da indígena que no primeiro contato com o colonizador europeu tem que morrer para que a América possa ser ocupada por seus descendentes mestiços, filhos do amor com um homem branco, abrindo caminho para a civilização, Manoela também tem que morrer para comprovar a pureza de seu amor e de sua beleza. Em uma aventura rocambolesca Fruchot e sua duquesa negra se perdem na mata, onde Manoela morre buscando ajuda e um pouco de água para seu amado: morreu, diz Expilly, “vítima de sua devoção, para salvar aquele a quem amava”. Conhecerá o leitor, diz em sua última frase, “muitas brancas que poderiam ser justamente comparadas à negra Manoela?” (EXPILLY, 1863, p. 447). Se, na prosa de *Iracema*, Alencar transforma “traição e violência em amor”, cantando as raças fundadoras do país (DE MARCO, 1993, p. 230), a Manoela de Expilly idealiza o erotismo do colonizador, carregado, aqui, de uma espiritualidade, de uma nobreza e de um sentimento estético que diminuem o seu caráter físico ou a desigualdade de *status* entre os amantes de cores diferentes, bem como neutralizando a possível violência desses amores desiguais.

### **Arquitetura de uma ausência**

Segundo Maria Odila Dias, o mito da dona ausente na colônia e no Império ganhou historicidade em uma sucessão de cronistas, e documentos oficiais, que tinham como função criar estereótipos da mulher branca para fixar “padrões inatingíveis ou impossíveis de serem seguidos por mulheres de outras classes sociais” (DIAS, 1995, p. 92). Comportamentos correntes, como o concubinato, o trabalho de forras, libertas e mulheres livres pobres como quituteiras e vendeiras, o uso das ruas das cidades como espaço de trabalho e sociabilidade eram entendidos como devassidão e libertinagem. Pela ausência de mulheres brancas na colonização, a política da Coroa portuguesa foi de dar importância ao papel social desta mulher para compensar a sua falta. O sistema escravista também funcionou como um dispositivo de valorização das mulheres brancas, como “reprodutoras da propriedade e dos símbolos de ascendência colonizadora: cor, língua, religião” (DIAS, 1995, p. 101). Para esta autora, isso deu à mulher branca um papel de destaque e de liderança social, levando a uma necessária “flexibilidade das mulheres em assumir papéis masculinos, sempre que se tornasse necessário” (DIAS, 1995, p. 104-105). Isso contrasta fortemente com a imagem da dona encerrada nos haréns orientais de seus ciumentos pais e maridos. A verdadeira ausente nestes relatos é a mulher formada a partir de uma imagem idealizada da mulher branca, recatada, graciosa, cultivada nas modas e nos hábitos da urbanidade, ciente de seu lugar social na esfera dos prazeres do lar.

Nas ruas das cidades brasileiras, os viajantes não encontravam as mulheres que cumprissem as suas expectativas sociais e eróticas, a beleza diáfana que idealizavam nas mulheres europeias e que esperavam repetir na América. Nas ruas das cidades brasileiras, elas buscavam seu “ganha-pão precário” (DIAS, 1995, p. 27), mulheres sem dote viviam relações consensuais, chefiavam famílias; sua posição de informalidade e improvisação as tornou invisíveis para as fontes oficiais, para a historiografia (DIAS, 1995, p. 51) e até mesmo para estes curiosos impertinentes que eram os perscrutadores viajantes. Irredutíveis aos modelos femininos construídos no interior de categorias que as acantonavam na esfera da domesticidade, do recato, da moda, da beleza clássica, da submissão, dos papéis sexuais e sociais bem separados e definidos, as mulheres no Brasil dos viajantes são

invisíveis a seu olhar, treinado por uma teoria prévia para o reconhecimento dos estereótipos construídos ideologicamente numa sociedade patriarcal.

Os viajantes não se contentam apenas em observar e classificar; como recorda Corbin os ocidentais nas colônias, e o Brasil é entendido pelos viajantes ainda como uma colônia em relação à civilização europeia, “fabricam arquiteturas corporais” (CORBIN, 2005, p. 185), desenhando os corpos em uma cartografia do desejo que cria tipos e paisagens ao mesmo tempo sexuais, estéticos e morais, estabelecendo hierarquias entre as mulheres a partir de sua origem étnica, cor de pele, condição social e nobreza da alma. O corpo é local de encontros e confrontos na experiência colonial europeia, que se desdobram ainda em situações pós-coloniais, onde ele é um signo de identificação e estereotipia, bem como matéria de identidade a partir do colonizado, ou ex-colonizado, caso dos imigrantes africanos que passam a viver nas ex-metrópoles, como Portugal. “O corpo negro, enquanto capital físico ganha, no quadro dessas relações, um papel simbólico e dinâmico servindo-se de mediador entre o Nós (Africanos) e os Outros (Portugueses, etc)” (FORTES, 2013, p. 243).

Buscando um ideal de beleza feminina clássico, os viajantes europeus não encontram na mulher branca uma representante digna do belo sexo. Gorda, feia, repugnante por seu aspecto físico, mas também social, já que é incapaz de uma conversação social polida, marcada pela “inveja” em relação às mulatas e negras que atraem o desejo de seus maridos, o que lhe torna muitas vezes uma déspota em relação a elas, essa mulher não é capaz de atrair o interesse do viajante. Este encontra na mulher de cor negra ou mulata as formas agradáveis do corpo clássico, embora seja essa mesma cor de pele o que impede que seja vista como um objeto de amor romântico. Se, de certa maneira, Expilly representa uma exceção, já que não é a mulata que lhe atrai, mas a negra, por outro lado ele também busca no espelho dos Trópicos um ideal de beleza clássico e de pureza corporal que a negra sem mistura racial lhe proporciona. Para ele, a cada paisagem natural ou social deve corresponder um corpo belo específico, próprio. Pelo menos no cenário tropical do Brasil, a beleza do corpo negro não tem rivais entre as impudicas e astutas mulatas, nem nas pobres e decadentes brancas, vítimas do despotismo oriental dos homens, da moral relaxada resultante do calor enervante ou de uma paisagem solar que ensombrece sua beleza, mais evidente sob a luz delicada do sol tépido da civilizada Europa.

### Referências bibliográficas

A.P.D.G. **Sketches of Portuguese life, manners, costume, and character**. Londres: Geo. B. Whittaker, 1826.

BARRAL, L.M. Notions sur l'île Sainte-Catherine au Brésil, recueillies en 1831 par M. Barral, capitaine de corvette. **Annales Maritimes et Coloniales**. Paris, v. , n. 8, p. 333-345, 2. Série, 1833.

BRAHIMI, Denise. Femmes voyageuses au XIXe siècle: la possibilité d'un classement? In: ESTELMANN, Frank, MOUSSA, Sarga, WOLFZETTEL, Friedrich (Orgs.). **Voyageuses européennes au XIXe siècle**. Identités, genres, codes. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 2012. p. 257-272.

CAMÕES, Luís de. **Obras completas de Luís de Camões**. Lisboa; Paris: Livraria Europeia de Baudry, 1843. v. 3.

COOK, James. **The voyages of captain James Cook**. Londres: William Smith, 1862. 2 v.

CORBIN, Alain. El encuentro de los cuerpos. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges (Dir.). **Historia del cuerpo**. Tradução Paloma Gómez, María José Hernández, Alicia Martorell. Madri: Taurus, 2005. Vol. 2. De la Revolución Francesa a la Gran Guerra, p. 141-201.

DEBRET, Jean-Baptiste. **Voyage pittoresque et historique au Brésil**, ou séjour d'un artiste français au Brésil, Depuis 1816 jusqu'en 1831 inclusivement, Époques de l'Avènement et de l'Abdication de S.M.D. Pedro 1<sup>er</sup>., Fondateur de l'Empire Brésilien. Paris: Firmin Didot Frères, 1834-1839. 3 v.

DE MARCO, Valéria. **A perda das ilusões**. O romance histórico de José de Alencar. Campinas: Unicamp, 1993.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. 2. ed. revisada. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DU PETIT THOUARS, Abel. **Voyage autour du monde sur la frégate La Vénus**, pendant les années 1836-1839. Publié par ordre du Roi, sous les auspices du ministre de la Marine. Paris: Gide, 1840.

EXPILLY, Charles. **Les femmes et les mœurs du Brésil**. Paris: Charliou et Huillery, 1863.

FORTES, Celeste. O corpo negro como tela de inscrição dinâmica nas relações pós-coloniais em Portugal: a *Afro* como (pre)texto. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 40, p. 229-254, jan./jun. 2013.

FRANCO, Stella Maris Scatena. **Peregrinas de outrora**: viajantes latino-americanas no século XIX. Florianópolis; Santa Cruz do Sul: Mulheres; Edunisc, 2008.

GRAHAM, Maria. **Journey of a voyage to Brazil**, and Residence There During Part of the Years 1821, 1822, 1823. Londres: Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown, and Green, Paternoster-Row, and J. Murray, 1824.

ISABELLE, Arsène. Excursions dans la Province de Rio-Grande-Do-Sul au Brésil. (1834). Extrait d'un Voyage inédit, par Arsène Isabelle, du Havre. **Nouvelles Annales des Voyages**. Paris, t. 65, série 3, t. 5: 257-279, jan./mar, 1835.

KEITH, George Mouat. **A voyage to South America**, and the Cape of Good Hope. In His Majesty's Gun Brig The Protector, Commanded by Lieut. Sir G.M. Keith, Bart. Londres: Richard Phillips, 1810.

LE HUENEN, Roland. Parler de soi par ricochet: le voyage au féminin ou l'impossible autobiographie (George Sand, Flora Tristan, Léonie d'Aunet). In: ESTELMANN, Frank, MOUSSA, Sarga, WOLFZETTEL, Friedrich (orgs.). **Voyageuses européennes au XIXe siècle**. Identités, genres, codes. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 2012. p. 37-53.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira (Org.). **A condição feminina no Rio de Janeiro**, Século XIX. São Paulo; Brasília: Hucitec; Edusp; INL, 1993.

\_\_\_\_\_. **Livros de Viagem (1803-1900)**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

LISLE, James George Semple. **The life of Major J.G. Semple Lisle**; Containing a faithful narrative of his alternate vicissitudes of splendor and misfortune. Written by himself. The whole interspersed with interesting anecdotes, and authentic accounts of important public transaction. Londres: W. Stewart, 1799.

MARSON, Izabel Andrade. Imagens da condição feminina em "Travels in Brasil" de Henry Koster. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 4, p. 219-242, 1995.

\_\_\_\_\_. Feudalismo e escravidão: representações da sociedade pernambucana no Travels in Brazil de Henry Koster. **Clio**. Recife, n. 16, p. 83-109, 1996.

MATHISON, Gilbert Farquhar. **Narrative of a visit to Brazil, Chile, Peru, and the Sandwich Islands, during the years 1821 and 1822**. With miscellaneous remarks on the past and present state and political prospects of those Countries. Londres: Charles Knight, 1825.

- MILLS, Sara. **Discourses of difference**. An analysis of women's travel writing and colonialism. Londres, Nova Iorque: Routledge, 2005.
- MONICAT, Bénédicte. **Itinéraires de l'écriture au féminin**. Voyageuses du 19e siècle. Amsterdã; Atlanta: Rodopi, 1996.
- MOURA, Jean-Marc. **Lire l'exotisme**. Paris: Dunod, 1992.
- O'NEIL, Thomas. **A concise and accurate account of the proceedings of the Squadron under the command of Rear Admiral Sir Sydney Smith, K.S. &c. in effecting the escape of the Royal Family of Portugal to the Brazils, on November, 29, 1807**; and also the Sufferings of the Royal Fugitives, &c. during their Voyage from Lisbon to the Rio de Janeiro: with a variety of other interesting and authentic facts. Londres: Barfield, 1810.
- PAGÈS, Gisela. La mujer limeña en el imaginario de los viajeros europeos, siglos XVIII-XIX. In: ESPITIA, Leonardo (Ed.). **Tierras prometidas**. De la Colonia a la Independencia. Bellaterra: CECE; Universidad Autónoma de Barcelona, 2011. p. 263-280.
- PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Tradução Jézio Hernani Bonfim Gutierrez. Bauru: Edusc, 1999.
- QUINTANEIRO, Tânia. **Retratos de mulher**: a brasileira vista por viajeros ingleses e norte-americanos durante o século XIX. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Voyages dans l'intérieur du Brésil**. Première Partie. Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes. Paris: Grimbert et Dorez, 1830. 2 v.
- \_\_\_\_\_. **Voyages dans l'intérieur du Brésil**. Quatrième partie. Voyage dans les provinces de Saint-Paul et Sainte-Catherine. Paris: Arthus Bertrand, 1851. 2 v.
- SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui**. O narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- TENCH, Watkin. **A narrative of the expedition to Botany Bay**; with an account of New South Wales, its productions, inhabitants, &c. to which is subjoined, a list of the civil and military establishments of Port Jackson. 2. ed. Londres: J. Debrett, 1789.
- THOMPSON, C.W. **French romantic travel writing**: Chateaubriand to Nerval. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- TORRÃO FILHO, Amílcar. **A arquitetura da alteridade**: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845). São Paulo: Hucitec; FAPESP, 2010.
- \_\_\_\_\_. As peregrinações de uma pária de Flora Tristan e a construção de uma feminista. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 1, 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2018000100207&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000100207&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 30 abr. 2018.
- TRISTAN, Flora. **Pérégrinations d'une paria**. Ed. Stéphane Michaud. Paris: Actes Sud, 2004.
- TUCKEY, James H. **Account of a voyage to establish a colony at Port Philip in Bass's Strait, on the South Coast of New South Wales, in His Majesty's Ship Calcutta, in the years 1802-3-4**. Londres: Longman, Hurst, Rees, and Orms, Paternoster Row, 1805.
- WHITE, John. **Journal of a voyage to new south wales with sixty-five plates of non descript animals, birds, lizards, serpents curious cones of trees and other natural products**. Londres: J. Debrett, 1790.

Recebido em novembro de 2017.  
Aprovado em maio de 2018.